

PAULO FREIRE E A MESA-REDONDA DE SANTIAGO: DECLARAÇÃO DE UMA INFLUÊNCIA

Modalidade de trabalho: Apresentação oral

O presente trabalho tem por objetivo presentificar a influência de Paulo Freire na Mesa-Redonda de Santiago do Chile em 1972, através de breve análise do texto da Declaração de Santiago a luz de alguns dos valores elencados por Ira Shor (1992) para uma educação empoderadora. O objeto de estudo deste trabalho é a própria Declaração e a metodologia é a pesquisa bibliográfica.

Paulo Freire, que neste ano foi declarado Patrono da Educação brasileira, nasceu no ano de 1921 na cidade do Recife-PE, formou-se em Direito mas preferiu lecionar. Se envolveu com a alfabetização de adultos, desenvolvendo um método que alfabetizava rapidamente a partir da realidade dos próprios educandos. Também participou do Centro de Cultura Popular do Recife. Ganhou projeção nacional e com o golpe militar de 1964 precisou deixar o país, pois era considerado subversivo por estimular o pensamento crítico e a luta pela justiça social. Exilado, abrigou-se na Bolívia, depois passou 5 anos no Chile onde publicou seu livro mais famoso “Pedagogia do Oprimido”, tendo trabalhado na educação popular em ambos países. Seguiu para os Estados Unidos como professor convidado da Universidade de Harvard e após um ano vai para Suíça como conselheiro para educação do Conselho Mundial das Igrejas, por onde desenvolveria trabalhos em muitos países, especialmente no continente africano. Neste período na Europa, Freire também se envolve com o Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos (INODEP). Em 1979 o educador recupera seu passaporte brasileiro. Em 1980 retorna ao Brasil, lecionando em diversas universidades e assumindo em 1989 a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo até 1991, quando se afasta para dedicar-se à sua obra bibliográfica. Freire publicou 19 livros e outros 14 em parceria ou coautoria. Faleceu no dia 2 de maio de 1997.

Em seus livros Freire nunca falou especificamente de museus, utilizando-se muitas vezes a denominação “ação cultural” para as atividades da cultura. Também tangenciou temas como a memória e o patrimônio, mas não abordou-os de forma direta. A influência de Freire na Mesa-Redonda de Santiago se dá através de Hugues de Varine. Em entrevista à Mario Chagas (1996, p. 8-9), o ex-presidente do ICOM conta que conheceu o educador entre 1970-1971 através de “um grupo de amigos franceses e missionários católicos” com quem Varine ajudou a fundar o INODEP, já citado anteriormente, que Freire presidiria a convite deste grupo até 1974. Foram três anos de convivência que dão peso à afirmação de Varine quando diz que “Paulo Freire é o maior pedagogo político da nossa época, porque ele colocou em prática suas ideias, antes de exprimi-las” (Ibid.).

Varine conta que em 1972 Freire foi indicado para presidir a Mesa-Redonda de Santiago e que o delegado brasileiro da UNESCO não autorizou o convite. Eram tempos de Ditadura Militar no Brasil e Freire era um exilado político. Ele, na referida entrevista, conta “Lembro muito que a recusa brasileira (...) não permitiu fazer o que [Freire] me havia prometido: adaptar sistematicamente a formulação de sua doutrina e de seus métodos à prática museológica e museográfica” (Ibid.). Santos também reflete sobre essa influência e afirma que “ao analisarmos o documento da Mesa-Redonda de Santiago (...), evento da maior importância para a Museologia da América Latina, que as reflexões de Paulo Freire estão ali presentes, apesar de ele não ter podido aceitar o convite para participar daquele encontro” (SANTOS, 2008, p. 23).

Para destacarmos a “presença” de Freire na Mesa-Redonda de Santiago, mesmo que somente através das suas ideias, podemos analisar a Declaração que foi produto daqueles dias intensos no Chile. E para identificarmos sua influência podemos nos utilizar da “agenda de

valores” para uma educação empoderadora sugerida por Ira Shor no livro “*Empowering Education*” de 1992, autor do livro “Medo e Ousadia: o cotidiano do professor” em parceria com Paulo Freire. O educador americano estabelece 11 princípios para que uma ação seja entendida como de uma educação interessada na construção de um sujeito crítico, uma educação que podemos chamar “freiriana”, são eles: participativo, afetivo, crítico/problematizador, contextualizado, multicultural, dialógico, dessocializador, democrático, investigativo/pesquisador, interdisciplinar, ativista (tradução livre de: participative, affective, problem-posing, situated, multicultural, dialogic, desocializing, democratic, researching, interdisciplinary, activist; no original em inglês). Para nossa breve análise faremos um recorte e utilizaremos somente 3 princípios: contextualizado, multicultural e crítico.

Logo no início da Declaração, nos “Princípios de Base do Museu Integral”, percebemos preocupação com a contextualização das propostas. Citam a presença de “animadores” para os temas de destaque (problemas do meio rural, do meio urbano, do desenvolvimento técnico-científico e da educação permanente) e a análise de suas apresentações, afirmando terem tomado “consciência da importância desses problemas para o futuro da sociedade na América Latina” (ICOM, 1972 apud ABREMC, 2008). Também podemos observar um olhar sobre a realidade que podemos entender como uma “leitura de mundo” como denominava Freire, quando consideram “que os problemas da sociedade contemporânea são devidos às injustiças”.

O pensamento multicultural fica claro ao lermos determinados trechos como

os problemas colocados pelo progresso das sociedades no mundo contemporâneo devem ser pensados globalmente e resolvido sem seus múltiplos aspectos; que eles não podem ser resolvidos por uma única ciência ou por uma única disciplina; que a escolha das melhores soluções a serem adotadas, e sua aplicação, não devem ser apanágio de um grupo social, mas exigem ampla e consciente participação e pleno engajamento de todos os setores da sociedade.

E a criticidade se faz presente em variados momentos da Declaração, onde se lê a palavra “consciência” muitas vezes. Como em:

o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na *formação da consciência das comunidades* que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais. (grifo nosso).

Ou ainda quando afirma que “a transformação das atividades dos museus exige a mudança progressiva da mentalidade dos conservadores e dos responsáveis pelos museus assim como das estruturas das quais eles dependem”.

Se nos trechos diretamente ligados à educação ainda vemos posicionamentos bem tradicionais, defendendo a escolarização dos museus e a instituição museu sendo posta em um grau de grande detentora de conhecimentos a serem transmitidos. E de forma geral o texto inclinar-se para um modelo de desenvolvimentismo que afirma a necessidade de um “progresso”. Paulo Freire se fez presente enquanto princípio na Mesa-Redonda de Santiago e agora, 40 anos depois, ainda devemos fazer o que recomenda Varine (1996): “Penso que cabe a nós agora meditar sobre seus textos e suas ideias e adaptá-los aos nossos problemas cada um na sua área de competência. É o que eu tento fazer no meu trabalho pelo desenvolvimento comunitário na França.” (p.10).

Referências

CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS – ICOM. Declaração de Santiago do Chile. 1972. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECOMUSEUS E MUSEUS COMUNITÁRIOS – ABREMC. Sítio eletrônico. Disponível em: <http://www.abremc.com.br/leis1.asp?id=1> Acesso em 23 mai. 2012.

SHOR, Ira. **Empowering Education**: Critical Teaching for Social Change. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

VARINE, Hugues de. Resposta de Hugues de Varine-Bohan às perguntas de Mário Chagas. **Cadernos de Sociomuseologia**. Lisboa. ULTH, v. 5, n. 5, p. 5-21, 1996.